



JOSÉ AUGUSTO CORRÊA: UM LITERATO ENTRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUÊSA E O ENSINO DE MATEMÁTICA

Waléria de Jesus Barbosa Soares
Universidade Estadual do Maranhão
walleria_soares@hotmail.com

1 Introdução

Ao tomar como marco desta investigação o século XIX, constata-se que pouco se sabe sobre quem eram os professores que contribuíram para o ensino da matemática no Maranhão, em especial, em São Luís. Porém, tem-se conhecimento de que seus nomes eram mais divulgados através dos livros que escreviam. Então, investigar estes professores é investigar, também, quem eram os autores.

Foi somente depois da criação da Imprensa Régia (em 1808), por volta da década de 30 dos oitocentos, com a implantação do método simultâneo de ensino no Brasil, que foi estimulada a produção de novos materiais pedagógicos e, com eles, o interesse dos professores em serem autores. Assim, foi quando o livro didático passou a ser o estruturador das disciplinas escolares que sua produção realmente cresceu, as livrarias ampliaram suas funções e iniciou-se o papel do professor como autor. No Maranhão não foi diferente:

Na Província do Maranhão muitas obras foram produzidas pelos professores, em especial, aqueles que lecionavam no Liceu, no Instituto de Humanidades e na Sociedade Onze de Agosto, a exemplo de Sotero dos Reis, João Antonio Coqueiro, Estevão Rafael de Carvalho, Antonio Marques Rodrigues e Antonio Rêgo, e impressos na sua maioria pelas tipografias de Belarmino de Mattos e de Frias. Professores que elaboraram seus trabalhos para serem adotados nas disciplinas que lecionavam, e que pelos resultados obtidos nas

suas práticas no ensino, passam a ser adotados em outros estabelecimentos do Maranhão, como em outras localidades do país (CASTELLANOS, 2012, p.285).

Em busca de professores em meio a esses autores de livros didáticos no Maranhão, encontrou-se um que chama atenção por ter publicado em São Luís, obras tanto sobre Matemática quanto sobre Língua Portuguesa. Tratava-se de José Augusto Corrêa. Em busca sobre quem foi esse autor-professor, encontrou-se seu nome como um dos patronos da Academia Maranhense de Letras. Porém, nenhuma biografia existia sobre ele.

A partir dessa primeira informação e com as obras de Corrêa em mãos, mergulhou-se nas fontes primárias dos arquivos da cidade de São Luís, em especial, os encontrados nos arquivos do Liceu Maranhense, da Biblioteca Pública Municipal de São Luís – Benedito Leite e do Arquivo Público do Estado do Maranhão, além da Academia Maranhense de Letras. O objetivo deste trabalho é construir um texto biográfico que possibilite conhecer o autor, através de sua história de vida e história de vida profissional.

Buscou-se na pesquisa social, que se utiliza de relatos de vida, através de biografias (e também) autobiografias, construir noções e conceitos fundamentais à análise de textos que tomam a vida desse “ator da educação” como objeto:

[...] a biografia que se torna um instrumento sociológico parece poder vir a assegurar essa mediação do ato à estrutura, de uma história individual à história social. A biografia parece implicar a construção de um sistema de relações e a possibilidade de uma teoria não formal, histórica e concreta, de ação social (FERRAROTTI, 2010, p.35).

Existe a necessidade de se compreender esse professor para entender em qual contexto se deu o ensino de matemática. Logo, a biografia se torna, um documento relevante quanto à trajetória de vida de uma pessoa, incluindo nomes, locais, fotos e datas dos principais acontecimentos.

Sobre a importância da história de vida, concorda-se com Paulilo (1998):

A história de vida pode ser, desta forma, considerada instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Ela fornece, portanto, base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos (PAULILO, 1998, p. 142-143).

As biografias contribuem, então, para este tipo de pesquisa, quando surgem como uma possibilidade de revelar aspectos do fenômeno educativo até então não investigados. No campo de construção de um texto biográfico, está-se envolvido numa história de vida contida em textos, livros, poesias, documentos escolares.

Para Ferrarotti (2010, p.45), “se todo o indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual”. Portanto, aceitar a subjetividade e a historicidade contida nessa gama de contextos faz com que se conceba que a história de uma sociedade pode estar presente na história de vida de professores.

Acredita-se que as relações construídas durante a trajetória de vida de Corrêa estão carregadas dos conhecimentos e vivências adquiridos por ele durante sua história de vida: logo, cada um deles é um conjunto de fragmentos. Segundo Nóvoa e Finger (2010, p. 125), “o indivíduo constrói a sua memória de vida e compreende as vias que o seu património vivencial lhe pode abrir; ao fazê-lo está a formar-se (emancipar-se) e a projetar-se no futuro”. Então, compreende-se que as emoções, desejos e histórias da vida de Corrêa são parte do seu ser sujeito, em sua totalidade.

Este texto biográfico tem então, muito a contribuir para a construção de uma metodologia que supere a dicotomia subjetivismo/objetivismo, possibilitando demonstrar que Corrêa viveu, agiu e interagiu nos mais variados contextos: familiar, escolar, profissional, ou outros, permitindo percebê-lo como um todo maior.

2 A Sociedade Ludovicense à época de José Augusto Corrêa

José Augusto Corrêa viveu em um século (o XIX) em que o Maranhão alcançou momentos de picos no desenvolvimento econômico, devido à agricultura de produtos, como arroz, algodão, cana-de-açúcar e café, mas também de baixas. Sobre a prosperidade, esta foi refletida principalmente na capital, São Luís, que concentrava a riqueza comercial da cidade.

A educação foi impulsionada ainda no início dos oitocentos quando a Lei de 15 de outubro de 1827 determinou a criação de escolas primárias ou de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos populosos.

Em 1838, foi inaugurado o Liceu Maranhense, segunda escola de ensino secundário no Brasil, que abrangia principalmente a elite. Por sua vez, em 1841, através da Lei Provincial Nº 105, de 23 de agosto de 1841 foi fundada a Casa dos Educandos Artífices, destinada então, aos meninos pobres. Posteriormente, outros colégios foram sendo criados, como o Colégio Nossa Senhora da Glória (1844), destinado às meninas, mas que tinha um espaço também para meninos, que pretendiam entrar para o Liceu Maranhense.

O desenvolvimento social e intelectual ficou mais evidente em meados do século XIX. O Teatro União fundado em 1841, (posteriormente Teatro São Luiz e, finalmente Teatro Arthur Azevedo, no século XX) foi palco de grandes espetáculos vindos do exterior. Os ludovicenses acompanhavam o crescimento das livrarias e das tipografias. Jornais, livros, revistas e periódicos eram publicados na cidade e serviam como instigadores de pensamentos. São Luís se tornou o centro editorial das províncias e de importância nacional, pois a qualidade das impressões era consideravelmente melhor que a da própria cidade do Rio de Janeiro.

Na década de 1850 o Maranhão conhece um período de paz e de prosperidade, tornando-se um grande produtor de algodão, e com isso, a capital, São Luís, muito enriquece com esta cultura.

Na década de 1860 a cidade de São Luís recebeu o conjunto arquitetônico da Praia Grande, onde funcionava o maior ponto de comércio da capital. Foram construídos grandes casarões em estilo europeu, com azulejaria portuguesa e calçadas com pedra de cantaria. O largo da Igreja do Carmo era ocupado por grupos de pessoas que se reuniam todas as tardes para comentar sobre a vida da cidade e também, pelos intelectuais que se encontravam à noite para discutir arte, literatura e política.



Figura 1: Largo do Carmo - centro cultural de São Luís no século XIX.
Fonte: Cartão Postal antigo de São Luís, 1915.

Ainda nessa década, a literatura fez São Luís ficar conhecida como Atenas Brasileira, devido ao grande número de literários que ali viveram, como Gonçalves Dias, João Lisboa, Cândido Mendes, Odorico Mendes, Sousândrade, Humberto de Campos.

Na década de 1870, a cidade de São Luís ainda continuava a crescer, mas de forma mais lenta, em sua economia. Ainda assim, surgem mais escolas e são criadas instituições que se preocupavam com a melhoria da educação.

Mas, com o surgimento do império, no final da década de 1880, a produção de algodão no Maranhão começa a decair em decorrência da recuperação da produção pelos norte-americanos, após o fim da Guerra Civil dos Estados Unidos da América. O Maranhão entrou em colapso, a capital São Luís foi fortemente afetada, entrando em crise ainda associada à abolição da escravatura. Aos poucos o abandono e descaso com a rica região maranhense, faz o Maranhão empobrecer.

3 José Augusto Corrêa, matemático ou poeta?

José Augusto Corrêa nasceu em São Luís no dia 03 de agosto de 1854. Foi funcionário federal, inspetor da alfândega de São Luís e delegado fiscal no Maranhão. Era também poeta, filólogo e professor.

Filho de D. Ignez Pessoa Corrêa (não conseguimos ainda identificar o nome de seu pai), casou-se com D. Emília Bayma Corrêa, em 1879.

De acordos com seus escritos sempre teve a vida profissional muito ocupada. A carreira na educação esteve dividida entre a Língua Portuguesa e a Matemática, atividades que desempenhava como professor em várias escolas de São Luís.

Seus escritos sobre suas experiências relacionadas ao ensino dessas duas disciplinas podiam ser lidos nos jornais e revistas que circulavam em São Luís. Na Revista Maranhense, que começou a circular em São Luís em 1917, era colunista assíduo. Escrevia principalmente sobre o que perpassava seu ofício de professor. A exemplo, escreveu sobre uma de suas alunas, Maria da Conceição Machado:

Tinha ela seus 15 anos, quando frequentava a escola Normal e veio estudar comigo Portuguez. Depois lhe expliquei Arithmetica, Algebra e Geometria. Diplomando-se foi logo promovida como professora da Escola Modelo Benedito leite, onde se conserva até hoje. Quis deixar-me uma prova de seu afeto e ofereceu-me um quadro com bela moldura, onde se vê uma carta em que traçou seu sentimento para com minha mulher, a quem vota muito carinho (REVISTA MARANHENSE, dez.1917, p. 185).

Nesta Revista, sua coluna sobre Língua Portuguesa versava sobre gramática, ortografia, regras de concordância, além de trazer poesias, prosas e comentários sobre os literatos maranhenses.

Também tinha uma coluna sobre Matemática, menos encontrada, mas não menos importante. Foi uma das poucas sobre essa temática encontrada na Revista Maranhense até o fim de sua circulação. Ele escrevia sobre as experiências de seus alunos com a matemática, ou sobre as suas próprias experiências, ou apresentava problemas resolvidos, como: “Achar uma proporção tal que a soma dos extremos seja 9, a dos meios seja 6 e que a soma dos quadrados dos seus quatro termos seja 85” (REVISTA MARANHENSE, 1917, p.103).

Em outras revistas, como a Pacotilha, Corrêa também tinha colunas em suas edições em que trazia um pouco de suas reflexões sobre o ensino ou sobre a vida.

Em que consiste a felicidade ?

Perguntai-o a cada um.

Este ama as caçadas, passa noites á espera de uma presa, experimentando á cada hora sensações de toda a especie; aquele só se ocupa das suas aves, dos seus canarios, sabiás, mutuns, garças, pavões e mais uma serie que atrai pelo canto e beleza:aquele outro dá tudo pelas flôres, cultivadas com esmero, tem as suas belas roseiras Paul-Neron, La France, Monte-Cristo, os seus cravos, as suas trepadeiras.

Qual só sente prazer na arte belica: ouve a corneta, já está imoderado, pronto para a ação, para a carnificina. E no fim, no meio daqueles destreços, ainda exclama:—Quanto isto é belo !

Qual colecciona livros, tem-nos dos maiores sabios, aí aprende a justiça, o bem.

Mas, quando chega á vida pratica, que surpresas, como tudo está invertido !

Um adora o ouro: já teahó 100, não chegarei a 200 ?

Mais tarde: Oh ! até onde poderei levar a minha piramide de ouro ?

Outro tem o frenesi do jogo: ali está a sua alma, a sua familia, a sua patria, a sua honra.

Deste modo esta humanidade, agitada como oceano, tudo quer, tudo ambiciona, e em toda parte está a sua felicidade, assim no bem, como no mal; tanto na virtude, como no vicio.

José Augusto Corrêa.

Figura 2: Artigo “Em que consiste a felicidade”, José Augusto Corrêa.
Fonte: Jornal Pacotilha, 1915, p.1

Corrêa teve seu nome associado ao seu trabalho em escolas. Foi no Liceu Maranhense, onde mais desenvolveu suas atividades, como professor. Neste estabelecimento também esteve também como examinador das avaliações, expedindo pareceres sobre as mesmas.

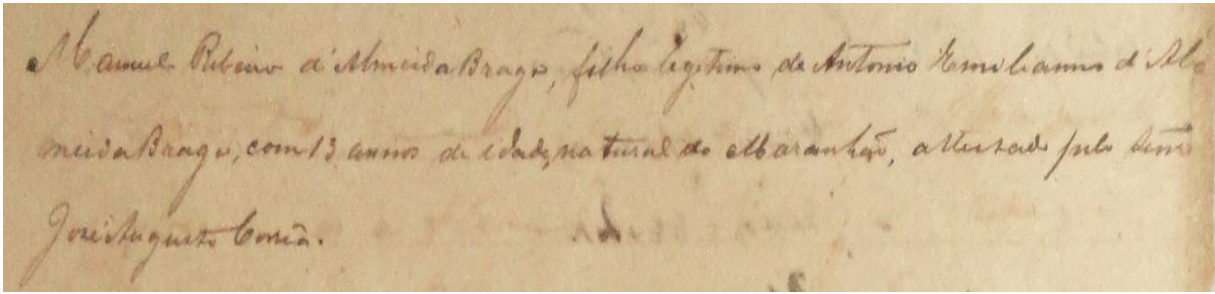


Figura 3: Atestado do exame de admissão de matemática, do aluno Manuel Ribeiro de Almeida Braga, pelo professor José Augusto Corrêa, em 1879.

Fonte: Arquivo do Liceu Maranhense.

Em qualquer uma de suas atividades, demonstrava respeito ao seu ofício. A importância à dedicação ao trabalho era exaltada por ele em seus escritos.

Pelo trabalho o homem cada dia se aperfeiçoa, melhora a sua profissão, adquire abundância de recursos, aprende a ser moderado, reflete e age com segurança, depois conhece o que deve fazer. O próprio trabalho estabelece um equilíbrio no organismo, uma vez que não seja ele excessivo, ocupa o homem e afasta-o do vício (...). E é tão belo chegar ao fim da vida e dizer: Oh! Nunca dependi de ninguém, sempre pude viver à minha custa, com o suor do meu rosto, com o meu mourejar diário! (REVISTA MARANHENSE, fev.1918, p. 13).

Mas demonstrava ser conhecedor dos desafios que era ser professor naquela época, como demonstrava seu artigo “O professor”, no Jornal “Pacotilha”:

Missão delicada e difícil! E’ um sacerdócio. Difundir num espirito missões sempre novas, gradua-las, aperfeiçoa-las, acomodar tudo ás índoles, investigar com zelo e carinho quais as vocações que se possam aproveitar, quais os vícios que se deve corrigir, eis um conjunto de esforços e energia que cada dia terá a seu cargo o professor. Os pais, cegos, exigem, porem, dele mais do que podem dar (PACOTILHA, dez.1915, p.1) .

Já no início do século XX, foi fundada a Academia Maranhense de Letras, no ano 1908. A princípio, funcionou no salão de leitura da Biblioteca Pública do Estado. Contou com vinte cadeiras, mas, inicialmente, só tinha doze participantes: Antônio Lobo, Alfredo de Assis, Astolfo Marques, Barbosa de Godois, Corrêa de Araújo, Clodoaldo de Freitas, Domingos Barbosa, Fran Paxeco, Godofredo Mendes Viana, Inácio Xavier de Carvalho, Ribeiro do Amaral e Vieira da Silva. Porém, os estatutos acadêmicos

determinaram que outros oito membros fossem, por meio de eleição, tidos como fundadores.



Figura 4: Prédio da Academia Maranhense de Letras, desde 1950.
Fonte: Arquivo pessoal de Waléria Soares.

Desta forma, a Cadeira Nº 17, cujo perfil atual está em seguida, tinha Corrêa como seu fundador:

Cadeira Nº 17

Patrono: Francisco Sotero dos Reis

Fundador: José Augusto Corrêa.

Antecessores: José Mata Roma, Fernando Barbosa de Carvalho, Alfredo Luiz Bacelar Viana.

Ocupante: Ivan Sarney, eleito em 1º de julho de 1982; empossado em 25 de março de 1983. Recebido por Viegas Neto (ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS, 2015).

Sobre a sessão do dia 30 de dezembro de 1917, através da Revista Maranhense, podemos observar o envolvimento de Corrêa em atividades desta Academia:

A's 20 horas, mais ou menos, com a presença dos acadêmicos: José Ribeiro do Amaral, presidente; Domingos Barboza, 1º secretário; Alfredo de Assis, 2º secretário; Vieira da Silva, Astolfo Marques e Xavier de Carvalho, foi aberta a sessão pelo sr. presidente, que convidou o sr. dr. Herculano Parge a prezidil-a. Em seguida o acadêmico Ribeiro do Amaral proferiu um belo discurso, referindo-se à fundação da Academia, seus esforços, e da esperança que a impulsionava a cumprir sua missão. Ao terminar, o 2º secretário leu a ata da sessão anterior, que foi aprovada, e o 1º secretário leu o expediente, constando de ofícios dos srs. José Augusto Corrêa e Raimundo Lopes, os quaes foram eleitos socios efetivos e

comunicaram as suas respectivas aceitações; no mesmo sentido foram lidas as cartas dos srs. Humberto de Campos e Raul de Azevedo, sócios correspondentes no Rio e em Manáos (REVISTA MARANHENSE, jan. 1917, p. 86).

José Augusto Corrêa faleceu aos 64 anos, em São Luís, no dia 16 de fevereiro de 1919.

4 Conhecendo Corrêa através de suas produções para a educação

Conhece-se um pouco mais de Corrêa por meio dos escritos feitos em seus livros publicados. Ele sempre os iniciava por uma apresentação, na qual retratava os sentimentos com relação à educação, sem deixar de enfatizar as horas que gastava em seu ofício.

O livro “Estudinhos da Língua Portuguesa”, foi publicado por Corrêa, em 1883, em São Luís, Maranhão, pela Tipografia R d’Almeida & C. Ele oferece a obra a sua esposa, Emília Bayma Corrêa. O autor apresentava os conteúdos “escritos e compilados” referentes à gramática portuguesa ensinada na época.

O livro apresentava um breve histórico sobre a Língua Latina (de onde a Língua Portuguesa deriva) com algumas particularidades na utilização das preposições. O autor define os pronomes pessoais, fala de sua classificação e apresenta notas particulares sobre a utilização de cada um, em meio a regras e exceções. Trata ainda do adjetivo pronominal, sua relevância ao concordar sempre com o sujeito, em gênero, número e grau. Ao longo do texto do livro, o autor não deixa de citar personalidades da Literatura, como: Lopes de Mendonça, Fernão Mendes, Latino Coelho, Camões, Garreti, A. F.Castilho, F. Corrêa, J. Freire e dele mesmo. Ao final apresenta uma errata.

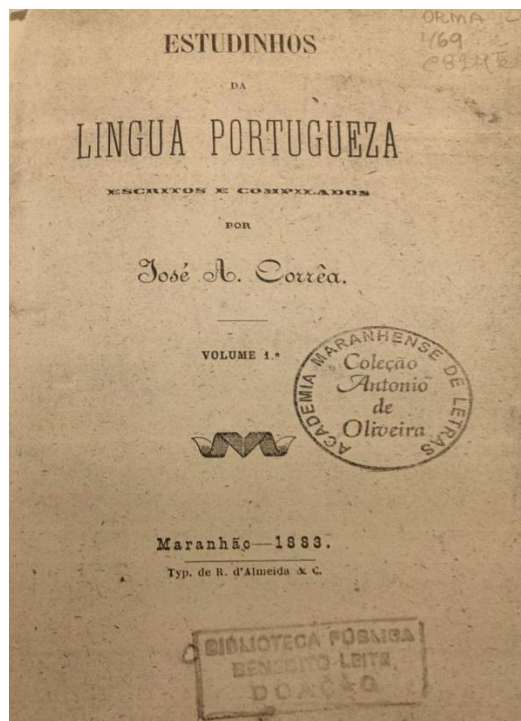


Figura 5: Capa do livro “Estudinhos da Língua Portuguesa”, publicado por José Augusto Corrêa, em 1883.
Fonte: Biblioteca Pública Benedito Leite.

Na apresentação desta obra, Corrêa cita uma frase de Almeida Garret¹: “julguem-me razão recta e corações direitos; não me examinem sábios e grandes homens” (CORRÊA, 1883, p. 1). Essa frase demonstrava a preocupação que tinha com as críticas que poderiam vir a surgir sobre sua obra.

Mas, Corrêa é humilde, começa sua apresentação admitindo que na obra existiam erros e defeitos: “Neste meu pequeno trabalho há erros, há defeitos que corrigirei em uma 2ª edição que porventura d'elle der, uma vez que me sejam indicados por uma critica sensata e conscienciosa” (CORRÊA, 1883, p.1).

Ele enfatizava o quanto era um homem ocupado, sobrando apenas as horas de descanso para a sua dedicação aos estudos. Corrêa também dizia que era mérito seu aproveitar esses momentos com o seu trabalho, e isso o faria se sentir útil.

Outra obra escrita por Corrêa foi o livro “Resumo de Álgebra”, publicado em 1886, em São Luís, Maranhão, pela Tipografia Frias & Filho. O autor oferece a obra a sua mãe, Ignez Pessoa Corrêa, e a sua esposa, Emília Bayma Corrêa. Um dos pontos de venda

¹ João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett ou Visconde de Almeida Garrett (1799 – 1854) foi escritor, dramaturgo, ministro e secretário de estado honorário português, uma das maiores figuras do romantismo em Portugal.

do livro se localizava na Rua da Palma, nº 25, endereço situado no centro comercial ludovicense durante o século XIX. Cabe ressaltar que, neste período, o comércio de São Luís era bem vasto e oferecia a venda de vários produtos.

Até o presente momento, esta obra sobre álgebra é identificada como a mais antiga publicada no Maranhão sobre essa temática. Seu texto apresenta semelhanças com outros livros de álgebra publicados na época, no Brasil e no exterior. O autor, além de conceitos fundamentais para o ensino de álgebra, traz os seguintes conteúdos: Adição, Subtração, Multiplicação, Divisão, Fração, Maior Divisor Comum, Das Equações em geral, Equações e problemas do 1º grau a uma incógnita, Equações e problemas do 1º grau a duas ou mais incógnitas, Fórmulas gerais, Desigualdades, Valores que podem ter as incógnitas, Quantidade negativa, Problema dos correios, Cálculo dos radicais, Quarado e raiz quadrada, Equações do 2º grau a uma incógnita, Problemas indeterminados e Binômio de Newton. Ao final apresenta uma errata.

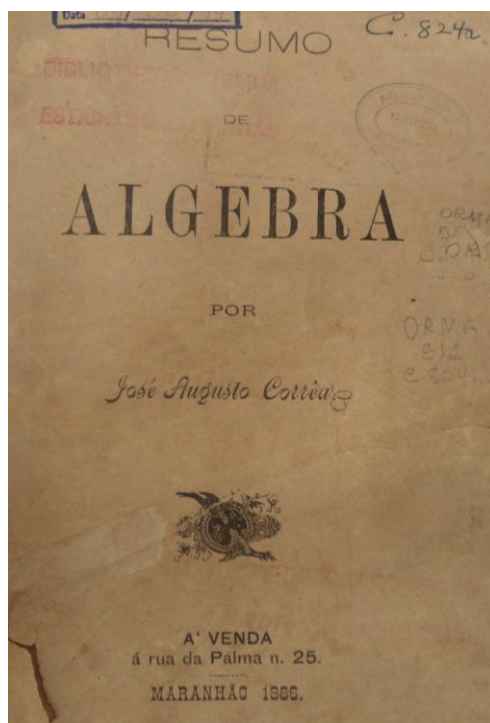


Figura 6: Capa do livro “Resumo de Álgebra”, publicado por José Augusto Corrêa, em 1886.
Fonte: Biblioteca Pública Benedito Leite.

Na apresentação da obra se observa o quanto ele demonstrava se sentir responsável pela profissão que escolhera, principalmente quando dizia que, vivendo entre os meninos, seria justo que os auxiliasse.

Mas, Corrêa já se lamentava que faltavam estudos à geração daquela época. Esse aborrecimento poderia estar relacionado com o fato de que, na década de oitenta dos oitocentos, o Maranhão enfrentava mais uma de suas baixas no setor econômico e a educação sempre era um dos segmentos mais afetados pela crise.

Sobre isso cita Thierry²: “ha uma cousa que vale mais do que os gosos materiaes, mais que a fortuna, mais que a propria saude – o sacrificio á sciencia”(CORRÊA, 1886, p.1). Ao transcrever as palavras de Thierry, ressalta o quanto o conhecimento é necessário e mais importante à vida do homem.

Corrêa dedicava sua vida ao estudo e ao trabalho. Também transcrevia as ideias de Guizot³: “ha quasi sempre, na acepção usual dos termos mais geraes, mais verdades do que nas definições em apparencia mais precisas e mais rigorosas das sciencias”(CORRÊA, 1886, p.1), demonstrando assim sua preferência pela prática ao invés da teoria.

No fim da apresentação do seu livro, ele faz um pedido de desculpas pelos erros que poderiam aparecer na compilação do texto, mas o autor esclarece que estes seriam, mais tarde, corrigidos.

O livro “Resumo de Álgebra” foi considerado por ele como o mínimo que podia fazer pelos meninos com os quais convivia:

Dedico-me ao ensino ha longos anos com gosto, sendo que com a vida occupada que levo, poucas vezes me acho em reuniões sociaes, e já as estranho, habituado a viver entre meninos que constituem para mim minha verdadeira sociedade, onde aliás só se adquirem affectos, e vive-se fóra das contrariedades que se soffrem na outra. (CORRÊA, 1886, p.1)

Através de suas obras, José Augusto Corrêa ressaltava que a sua dedicação ao ensino chegava a ocupar a maior parte de seu tempo, mas garantia que isso era o que lhe dava prazer.

² Augustin Thierry (1795 – 1856) foi um historiador romântico francês, defendia a substituição da história dos grandes e dos príncipes pela história das massas.

³ François Pierre Guillaume Guizot (1787 – 1874) foi um político francês, ministro da Instrução Pública, defendia que um fato histórico não deve ser limitado ao político, mas extensivo ao fato da civilização.

5 Considerações Finais

O texto biográfico tem muito a contribuir para a construção de uma metodologia que supere a dicotomia subjetivismo/objetivismo, possibilitando demonstrar que as pessoas investigadas vivem, agem e interagem, nos mais variados contextos: familiar, escolar, profissional, outros.

Nesse sentido, ao longo da escrita deste texto, pode-se perceber José Augusto Corrêa, constituído em seu tempo, a partir das suas relações, principalmente, as profissionais.

Constatou-se sua dedicação ao ofício de professor, através de seus escritos, mesmo estando desgostoso com o rumo que a educação tomava em sua cidade, como ele mesmo dizia.

Viu-se um professor/autor tomar os jornais que circulavam em sua cidade como espaço para refletir sobre o ensino, educação e sobre a vida.

Observou-se seus momentos de dor e de angústia registrados em suas poesias, assim também como o reconhecimento a outros profissionais que exaltava em suas colunas jornalísticas.

Percebeu-se o quanto as suas obras publicadas, seja de Língua Portuguesa, seja de Matemática, demonstravam o seu interesse pela educação. Afinal, como ele mesmo dizia, quase todo o seu tempo era destinado ao seu trabalho.

Viu-se então, Corrêa, um professor/autor que viveu em São Luís entre os séculos XIX e XX, como sujeito constituído de emoções, desejos e histórias. Seja como literato ou como matemático, Corrêa foi um professor preocupado com os rumos que a educação tomava em sua cidade, onde se sentia responsável pela profissão que escolhera, de forma que achava justo que dedicasse a maior parte de seu tempo ao ensino de seus alunos.

Referências Bibliográficas

CASTELLANOS, Samuel Luis Velásquez Castellanos. Sociedade Onze de Agosto: uma instituição de ensino popular no Maranhão Império (1870-1876). In: PINHEIRO, Antonio

Carlos Ferreira; MADEIRA, Maria das Graças de Lóiola. (Org.). *Instituições escolares e escolarização no Nordeste*. São Luís: EDUFMA: UFPB: Café & Lápis, 2011.

CORRÊA, J. A. *Estudinhos da Língua Portuguesa*. São Luís: Tipografia R d'Almeida & C., 1883.

_____. *Resumo de Algebra*. São Luís: Tipografia Frias & Filho, 1886.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JORNAL PACOTILHA. São Luís, a. XXXV, n. 289, p.1, dez., 1915.

_____. São Luís, a. XXXV, n. 284, p.1, dez., 1915.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A Pesquisa Qualitativa e a história de vida. *Serviço Social em Revista*, Londrina, v. 2, n. 1, p. 1-153, jul./dez., 1999.

REVISTA MARANHENSE, São Luís, a. 3, n. 24, p. 13, fev., 1918.

_____. São Luís, a. 2, n. 22, p. 185, dez., 1917.

_____. São Luís, a. 2, n. 22, p. 185, fev., 1917.

_____. São Luís, a. 2, n. 12, p. 103, jan., 1917.